

12 DE MAIO: RAZÕES PARA CELEBRAR, RAZÕES PARA LUTAR

Em homenagem à matemática Maryam Mirzakhani, o dia 12 de maio foi escolhido em 2018, pelas participantes do World Meeting for Women in Mathematics (WM)², como uma "oportunidade para a comunidade matemática celebrar a participação de mulheres na Matemática" (May12). No Brasil, o movimento por mais mulheres e diversidade na Matemática vem crescendo, e as conquistas já são inúmeras. A comissão que elaborou este material – a Comissão de Gênero da SBM e da SBMAC – é uma dessas conquistas. Reunimo-nos regularmente há dois anos, tivemos uma renovação parcial há alguns meses e trabalhamos em diversas frentes.

Já há alguns anos mulheres matemáticas brasileiras vêm se organizando de maneira independente em coletivos. Um deles é o coletivo *Matemáticas Negras*, que traz as questões da interseccionalidade entre raça e gênero para nossa comunidade e posicionou-se de forma assertiva com o manifesto *Antirracismo? Matemáticas negras na pauta* em junho de 2020, dando visibilidade às formas de opressões raciais presentes também na comunidade matemática. Nossa Comissão vem se engajando nessa direção, apoiando a coleta e dando visibilidade a dados quantitativos na matemática que incluam, além do quesito gênero, o quesito racial. Um exemplo disso é o trabalho de levantamento de dados da graduação e pós-graduação em matemática da estudante de doutorado Priscila Pereira (UIC, EUA), parcialmente divulgado em *live* realizada no ano passado pelo perfil da SBM no Youtube.

Conteúdos

- | | |
|----|---|
| 1 | 12 de maio: Razões para celebrar, razões para lutar |
| 3 | Carolina Araujo |
| 6 | Clarissa Rosa Pinto |
| 7 | Clélia Maria Ignatius Nogueira |
| 9 | Daniela Cardozo Mourão |
| 11 | Eliene dos Santos Rodrigues Putira Sacuena |
| 13 | Florencia Leonardi |
| 15 | Juliane Fonseca |
| 17 | Luna Lomonaco |
| 18 | María Amelia Salazar |
| 19 | Maria Aparecida de Souza Mendes |
| 21 | Nancy Lopes Garcia |
| 23 | Priscila Pereira |

Outro exemplo de organização coletiva foi a campanha "Maternidade no Lattes". Ela foi lançada em 2018 pelo Movimento Parent in Science e, em agosto de 2020, essa comissão enviou uma carta ao CNPq, feita em colaboração com a pesquisadora Carolina Araujo (Impa), manifestando seu apoio a essa campanha. Na carta reforçamos também a necessidade de implementar ações institucionais que considerem outros fatores excludentes nos processos seletivos. No dia 15 de abril de 2021, mais de dois anos e meio depois do lançamento da campanha, o CNPq finalmente implementou um campo específico, de preenchimento opcional, no sistema de currículos Lattes para o registro de licenças-maternidade, que podem agora ser consideradas na análise de pedidos de bolsas e outros financiamentos, como já ocorre em [prêmios e editais nacionais e internacionais](#). O valor dessa conquista vai além de ser só mais uma linha no Lattes, pois é o reconhecimento e o acolhimento de algo diferente do padrão utilizado durante muitos anos no sistema de avaliação de produtividade. Trata-se do começo de muitas transformações que ainda precisam acontecer para termos uma ciência onde qualificação das(os) pesquisadoras(es) e diversidade não sejam parâmetros dicotômicos.

Essas e outras questões foram debatidas no [I Encontro Brasileiro de Mulheres Matemáticas](#), que ocorreu em 2019

e reuniu mulheres de diversas partes do Brasil. O evento tinha como objetivo estimular a inclusão e permanência das mulheres na carreira científica em matemática, e a programação incluiu palestras científicas de alto nível. Durante o evento, foi escolhido o nome da plataforma [Matemática: substantivo feminino](#), que "visa divulgar ações que vêm sendo desenvolvidas em diversas partes do mundo, em especial no Brasil, no sentido de aumentar a participação de mulheres em Matemática". A segunda edição estava prevista para ocorrer este ano, não fosse a pandemia que enfrentamos.

Como se vê, há muitas razões para celebrar. O aprofundamento de discussões e o encaminhamento de propostas feitas pelas matemáticas começa a dar frutos, mas ainda há muitas razões para lutar. Por exemplo, não são raros os anúncios de eventos com um número muito baixo de mulheres entre palestrantes convidados. Esta Comissão elaborou em 2019 um documento contendo [Diretrizes para Diversidade em Eventos](#), aprovado pelas diretorias de ambas as sociedades, mas que ainda carece do apoio da comunidade para sua efetivação. Além disso, a comunidade matemática permanece muito centrada no eixo Rio-São Paulo e desconhece a realidade das mulheres que atuam em Matemática em regiões como o Norte e o Nordeste.



EBMM 2019
Foto: Impa/divulgação

Institucionalmente, muitas matemáticas envolvem-se com as licenciaturas e com projetos de extensão voltados para meninas em idade escolar, como é o caso do Caboclas Kirimbaua Aueté (Ufam), Meninas na Matemática: Procuram-se Arletes (UFPR) e Potimáticas (UFRN), que foram divulgados em *live* realizada no ano passado. Há inúmeros projetos assim Brasil afora, alguns dos quais foram contemplados no edital da Chamada CNPq/MCTIC Nº 31/2018 - Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação. Tais projetos contribuem para a importante articulação de nossa comunidade com setores como o de professores e professoras da educação básica, que é feita em sua maioria por meio das licenciaturas ou de projetos de extensão, em que predominam as mulheres.

Num momento em que o financiamento é cada vez mais escasso, os modelos de avaliação vigentes na comunidade não levam em conta diferentes perfis de professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores. A forma quantitativa de mensurar a produtividade e o foco exclusivo em pesquisa, desconsiderando a qualidade do trabalho feito nos eixos de ensino e extensão, por exemplo, tornam a carreira rígida e dificultam o interesse, o ingresso, a permanência e a progressão de mulheres.

Escutar o que dizem as nossas estudantes e dar valor a seus relatos e impressões favorece a construção de uma comunidade mais inclusiva, e ajuda no enfrentamento de violências como o assédio. Muitos outros aspectos ainda são invisibilizados nos debates, como é o caso de temas como identidade de gênero, deficiência e até mesmo a pequena representatividade de mulheres indígenas dentro da comunidade matemática. Como é ser uma mulher trans nesse ambiente predominantemente masculino? Que desafios enfrentam pessoas com deficiência e, mais particularmente, mulheres com deficiência? Como é o acesso e a permanência de mulheres indígenas de diferentes etnias à carreira matemática?

Tivemos um avanço do debate para dentro das instituições, como no caso da recente criação da Comissão de Diversidade e Gênero da Umalca, reconhecendo a urgência e importância desses temas. Mas ainda é preciso avançar mais.

No Brasil, são as mulheres que se ocupam do bem-estar psíquico e físico das pessoas próximas, incluindo crianças, pessoas com problemas de saúde e pessoas idosas, entre outras. A pandemia trouxe uma nova realidade – crianças em ensino remoto, mais pessoas doentes, distanciamento e isolamento social – que deteriorou esse bem-estar e intensificou os trabalhos domésticos e de cuidado, historicamente atribuídos às mulheres e majoritariamente realizados por mulheres negras. Assim, a pandemia que

estamos enfrentando há mais de um ano tem acentuado as desigualdades já existentes na academia, incluindo as desigualdades entre as mulheres. Nossas estudantes vivenciam situações complicadas e diversas, que vão desde dificuldades financeiras para continuarem seus estudos até a violência doméstica, amplificadas pela pandemia e pouco acolhidas pelas instituições. Estudos indicam que a pandemia afeta a produtividade das mulheres de formas diferentes, sendo aquelas com filhos e as mulheres negras as mais afetadas. Essas dificuldades estão sobrepostas em muitas de nossas estudantes, aumentando o risco da evasão.

É preciso desde já pensarmos em políticas de equidade e de redução de danos, para que não tenhamos um cenário de desigualdades ainda mais acentuado no período pós-pandemia. Se hoje as mulheres são minoria na matemática, devemos cuidar para que elas não sejam excluídas de vez, com a escassez de recursos e a perda de direitos, que têm se intensificado. Devemos lutar para que editais e avaliações levem em conta o impacto desigual da pandemia na produtividade e no desempenho dos diferentes grupos de mulheres. Exigir que prazos e bolsas sejam estendidos, atentando para que isso não seja implementado de forma a aumentar a escassez de bolsas para ingressantes na pós-graduação, por exemplo. Precisamos estar atentos(as) para que este período pandêmico não se torne um motor de exclusão. Pelo contrário. Que a luz colocada por esse período sobre as profundas desigualdades leve-nos ao engajamento necessário para promovermos a equidade e tornar nossa comunidade mais acolhedora e inclusiva. As frentes de atuação e as batalhas dessa luta são inúmeras.

Temos muita satisfação de fazer parte deste processo de conquista de razões para celebrar e de enfrentamento das razões para lutar. Para ampliar a perspectiva sobre essas questões, entrevistamos Carolina Araujo, Clarissa Rosa Pinto, Clélia Maria Ignatius Nogueira, Daniela Cardozo Mourão, Eliene dos Santos Rodrigues Putira Sacuena, Florencia Leonardi, Juliane Fonseca, Luna Lomonaco, María Amelia Salazar, Maria Aparecida de Souza Mendes, Nancy Lopes Garcia e Priscila Pereira: mulheres cujas trajetórias evidenciam aspectos diversos dessas conquistas e desafios. A todas elas foram feitas as seguintes perguntas, cujas respostas encontram-se nas próximas páginas.

1. Sobre você.

Fale um pouco sobre você e seu trabalho.

2. Razões para celebrar.

Na sua opinião/experiência, quais as principais razões para celebrar este dia? Que conquistas ou fatos recentes você gostaria de destacar sobre mulheres no Brasil atuando na área de Matemática?

3. Razões para lutar.

Quais desafios você encontra ou vê que mulheres matemáticas enfrentam no Brasil? Quais são as principais razões para lutarmos?

Como a convidada Eliene Rodrigues Putira Sacuena não é da área de matemática, as perguntas respondidas por ela foram diferentes e constam da própria entrevista.

Organizamos também uma série de atividades virtuais ao longo do mês de maio que serão transmitidas pelos canais do Youtube da [SBM](#) e da [SBMAC](#), conforme cronograma abaixo.

Dia 05/05/2021, das 17h às 18h

Bate-papo com Juliane Fonseca (Cidacs-Fiocruz BA), com a mediação de Cintya Wink (Unesp) e Maité Kulesza (UFRPE)

Dia 12/05/2021, das 18h às 20h

Mesa-redonda: "12 de maio: razões para celebrar, razões para lutar"

Participantes da mesa:

- Daniela Cardozo Mourão (Unesp)
- Eliene Rodrigues Putira Sacuena (UFPA)
- Priscila Pereira (UIC, EUA)

Mediadora: Manuela Souza (UFBA)

Dia 19/05/2021, das 18h30 às 19h30

Bate-papo com Clélia Maria Ignatius Nogueira (UEM) com a mediação de Christina Brech (USP) e Simone Leal (Unifap)

Dia 27/05/2021, das 18h30 às 19h30

Bate-papo com Clarissa Rosa Pinto (Escola Estadual São Vicente de Paula, Boa Vista-RR) com a mediação de Jaqueline Mesquita (UnB) e Sueli Costa (Unicamp)

Esperamos que apreciem o resultado deste trabalho, e que usemos este dia 12 de maio na expectativa de dias melhores para todas e todos, para celebrar as conquistas das mulheres na Matemática e, também, para refletir sobre os desafios que ainda precisam ser enfrentados na construção de um ambiente de trabalho e estudo mais inclusivo.

Comissão de Gênero SBM/SBMAC, atualmente composta por

Adriana Neumann (UFRGS)
Ana Shirley Ferreira da Silva (UFC)
Christina Brech (USP)
Cintya Wink de Oliveira Benedito (Unesp)
Jaqueline Godoy Mesquita (UnB)
Maité Kulesza (UFRPE)
Manuela da Silva Souza (UFBA)
Simone Leal (Unifap)
Sueli Costa (Unicamp)



CAROLINA ARAUJO

Pesquisadora do Impa, atua na área de geometria algébrica e complexa e é vice-presidente do Comitê para Mulheres na Matemática (CWM) da União Matemática Internacional (IMU). Recebeu o Prêmio Ramanujam 2020 (ICTP-IMU).

Carolina Araujo
Foto: Impa/divulgação

Sobre você

Sou matemática, graduada pela PUC-Rio em 1999 e doutora pela Universidade de Princeton em 2004. Desde 2006 sou pesquisadora no Impa (Instituto de Matemática Pura e Aplicada), onde atuo principalmente em pesquisa científica, na área de geometria algébrica, e no ensino de pós-graduação e formação de recursos humanos. Desde 2016 sou mãe-cientista, ainda na busca de um equilíbrio entre a profissão e a família.

Em 2015 fui convidada a integrar o Comitê para Mulheres na Matemática (CWM) da União Matemática Internacional (IMU). Um dos meus papéis no comitê – e principal motivo para eu ter sido convidada a integrá-lo – seria a organização do World Meeting for Women in Mathematics – (WM)² - na véspera do ICM 2018 no Rio de Janeiro. À época, eu pouco havia me envolvido com questões relacionadas a gênero. Os anos que se seguiram marcaram uma mudança no meu entendimento e engajamento em questões de gênero e diversidade. Aproximei-me de muitas mulheres matemáticas, aprendi com suas experiências, reconheci desafios em comum, e pude perceber outros obstáculos dos quais meus privilégios me resguardaram. A luta por uma comunidade científica mais justa e inclusiva tornou-se um imperativo. Dentre as iniciativas de que participei, marcaram-me especialmente o (WM)² em 2018 e o Encontro Brasileiro de Mulheres Matemáticas (EBMM) em 2019, ambos construídos de forma coletiva.

Atualmente tenho me dedicado também à coordenação do 33º Colóquio Brasileiro de Matemática (CBM), que vai ocorrer de forma remota em agosto de 2021. Tem sido um grande desafio redesenhar e tornar virtual um evento tão tradicional, que traz na sua essência o encontro presencial. Por outro lado, estou animada com a perspectiva de ampliar o alcance do CBM, levando o conhecimento matemático a um público bem mais amplo e diverso.

Razões para celebrar

Na minha visão, uma das conquistas mais importantes nos últimos anos foi a consolidação de uma potente rede de mulheres matemáticas no Brasil. Esta rede é orgânica e descentralizada, construída com o trabalho coletivo de uma grande diversidade de mulheres. Foram muitas as iniciativas promovidas pelos coletivos, trazendo a questão de gênero para o debate e sensibilizando a comunidade científica sobre a necessidade de se atuar para aumentar a inclusão e diversidade, não apenas de gênero.

As conquistas desses movimentos vão muito além de aumentar a visibilidade das mulheres matemáticas, estimular e inspirar meninas e mulheres a se dedicarem à matemática. Recentemente, observamos importantes vitórias políticas, como a criação da comissão de gênero da SBM/SBMAC e a recente inclusão da licença-maternidade no currículo Lattes.

Razões para lutar

Apesar das conquistas recentes, ainda estamos longe de ter uma ciência inclusiva. Muitas das iniquidades de nossa comunidade científica são reflexos de uma sociedade patriarcal e racista. Vamos precisar olhar para essas feridas para construir uma sociedade verdadeiramente justa.

O momento histórico singular que vivemos, especialmente no Brasil, é preocupante. As desigualdades são escancaradas e acentuadas. Na comunidade científica, a pandemia claramente não atinge as pessoas da mesma forma. Os principais responsáveis pelos cuidados de crianças pequenas, que em sua grande maioria são as mães, estão tendo sua produtividade seriamente impactada. Será preciso pensar em políticas de reparo para que a ciência não perca a contribuição valiosa de muitas dessas cientistas-mães. Além disso, a escassez de recursos destinados à educação e ciência contribui para um sistema ainda mais segregador e excludente, o que pode ter efeitos catastróficos para a ciência brasileira, justamente no momento em que o país precisa de uma ciência criativa, diversa e colaborativa para enfrentar os desafios que se apresentam.



CLARISSA ROSA PINTO

Professora na Escola Estadual São Vicente de Paula em Boa Vista, Roraima, tutora do curso a distância de Licenciatura em Matemática da UFRR, premiada nas 11ª e 12ª edições da Obmep e habilitada do Programa Obmep na Escola (Impa).

Sobre você

Sou professora de escola pública do Governo do Estado de Roraima, sou tutora do curso a distância de Licenciatura em Matemática (UFRR), sou professora habilitada no Programa Obmep na Escola (Impa). Possuo magistério em Educação Física (IFRR), graduação em Licenciatura em Matemática na UERR, tenho especialização em Metodologia do Ensino da Matemática e Física e mestrado profissional (Profmat) na UFRR.

Já trabalhei no Ceforr (Centro de formação de professores), na formação de professores do magistério indígena do projeto Tamikan (2015). Trabalhei como professora substituta na UFRR nos cursos de Agronomia e Zootecnia (2009 a 2011), também no Insikiran (Centro de Formação Superior Indígena/UFRR) nos cursos de Licenciatura Intercultural e Gestão em Saúde Coletiva Indígena (2016 a 2018). Trabalhei ainda na Uerr como professora substituta nos cursos de Ciências da Computação e Ciências da Natureza com ênfase na Matemática e Física (2015 a 2017). Trabalhei no IFRR como orientadora de TCC do curso de Pós-graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino (2018 a 2019).

Razões para celebrar

Há muitas razões para celebrar, principalmente porque nós mulheres estamos ganhando, aos poucos, cada vez mais espaço na nossa área de atuação e estamos buscando formação profissional na nossa área.

Como trabalho com o Programa Obmep na Escola, gostaria de destacar e parabenizar as mulheres e meninas medalhistas das Olimpíadas Brasileiras de Matemática das Escolas Públicas, que com empenho e dedicação conseguem passar nas duas fases da olimpíada, tendo assim incentivo ao ingresso em universidades nas áreas científicas e tecnológicas.

Razões para lutar

Um dos grandes desafios para nós mulheres em geral é conciliar trabalho, família e lar. Temos que nos dedicar aos cuidados e acompanhamentos de deveres dos filhos, temos também tarefas domésticas e, muitas vezes, trazemos trabalho para casa, mas não podemos esquecer que sempre temos que reservar um espaço para o lazer e para estar junto com os familiares.

Uma das razões para lutarmos é que ainda há poucas mulheres ocupando espaço de destaque na Matemática brasileira. Precisamos de incentivo, apoio e mais oportunidades para nossa formação, pois, na Região Norte, especificamente em Roraima, temos apenas um curso de Doutorado na área da Matemática onde, após a aprovação no curso, a formação dá-se em outro estado.



CLÉLIA MARIA IGNATIUS NOGUEIRA

Professora aposentada da UEM, atua em programas de pós-graduação da Unespar e da Unioeste. Especialista em Educação Matemática Inclusiva, com destaque para o ensino de pessoas surdas.

Sobre você

Tenho 68 anos de idade, sou casada, mãe de três filhos e duas filhas, tenho dois genros, três noras, seis netos, cachorros e gatos! Sou licenciada em Matemática por uma faculdade privada que sequer existe atualmente: a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Tupã – Fafit. Formei-me em 1974, mas desde 1971 sou Professora de Matemática, ou seja, há 50 anos dou aulas. Passei pela Educação Básica, mas o período mais intenso de atuação foi no ensino superior, como docente do Departamento de Matemática da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Fiz o mestrado em Matemática Pura - Análise Funcional no Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, da Universidade de São Paulo (ICMC/USP), e doutorado em Educação na Universidade Estadual Paulista – Unesp. Aposentei-me formalmente em 2006 mas, desde então, venho atuando como professora pesquisadora voluntária sênior, ou seja, "Amiga da Universidade", como membro do Corpo Docente Permanente de diferentes programas de pós-graduação em Educação Matemática, ministrando aulas, orientando e pesquisando, particularmente na área da Educação Matemática Inclusiva. Minha mudança de rumo da Análise Funcional para a Educação Matemática Inclusiva aconteceu em função de que minhas filhas são surdas e, na busca por uma educação de melhor qualidade para elas, mergulhei fundo em estudos, pesquisas e ações extensionistas. Isso deu certo tanto na família (minhas filhas hoje são professoras universitárias e pesquisadoras), quanto na vida acadêmica, realizando pesquisas na área da Educação Matemática Inclusiva, particularmente no que se refere ao ensino de Matemática para estudantes apoiados pela Educação Especial, com destaque aos surdos. Essa atuação levou-me à coordenação do Grupo de Trabalho Diferença, Inclusão e Educação Matemática, da Sociedade Brasileira de Educação Matemática – GT13/SBEM, além de ser colíder de três Grupos de Pesquisas certificados pelo CNPq - Gepsem e GEPeDiMa/Unespar e GEPeDEMI/UFCG, e membra do grupo NIPEDICMT/UFBA.

Razões para celebrar

Para poder responder a essa questão é necessário estabelecer aqui um pressuposto que para mim é fundamental: o matemático puro, sócio da SBM; o aplicado, membro da SBMAC; e o educador matemático, como eu, membro da SBEM, somos

todos matemáticos. Todos temos um ponto em comum: nosso amor pela Matemática. O que nos diferencia são nossos objetos de pesquisa. Se o matemático puro produz o conhecimento matemático, e o aplicado o interpreta, cabe a nós, os educadores matemáticos, realizarmos a transposição do conhecimento matemático de científico a saber escolar, uma tarefa que demanda muita pesquisa e que nunca enfrentou tantos desafios como no momento atual. Desafio que as educadoras matemáticas têm enfrentado com galhardia. Por isso, entendo que temos muito a celebrar. Em nossa área de pesquisa, somos em maior número nos programas de mestrado e doutorado, tanto no corpo docente quanto discente e na pesquisa. Um exemplo disso é que a SBEM – Sociedade Brasileira de Educação Matemática - organiza-se por Grupos de Trabalho, sendo que atualmente são 15 os grupos de trabalho, dos quais dez são coordenados por mulheres, pesquisadoras na Educação Matemática, a grande área de pesquisa educacional cujo objeto de estudo é a compreensão, interpretação e descrição de fenômenos referentes ao ensino e à aprendizagem da Matemática nos diferentes níveis de escolaridade, quer seja em sua dimensão teórica ou prática. Tivemos precursoras de grande expressividade, como Maria Laura Mouzinho Leite Lopes e as ainda atuantes Lourdes de la Rosa Onuchic, Nilza Bertoni, Maria Aparecida Bicudo, Tania Campos, Terezinha Nunes, dentre outras.

Razões para lutar

Ensinar Matemática não é tarefa fácil, até mesmo em cursos de licenciatura ou bacharelado em Matemática, em que os estudantes gostam de Matemática. Imagine-se, então, ensinar Matemática para estudantes que são obrigados a estudar essa disciplina. Afinal, a Matemática é componente curricular obrigatório em todos os países do mundo. Esse fato, por si só, já justifica a necessidade de se pesquisar a respeito da transposição didática desse conhecimento. Entretanto, ainda existe a concepção de que, para ensinar Matemática, basta saber matemática, embora a preocupação com o ensino de Matemática e a formação de professores de Matemática exista entre os matemáticos há muito tempo. Afinal, foi no Congresso Internacional de Matemáticos de Roma, em 1908, que foi criada a International Commission on Mathematical Instruction - ICMI – que, presidida inicialmente por Felix Klein, atua até nossos dias e, a cada dois anos, premia, com a medalha Felix Klein, pesquisadores em Educação Matemática de destaque. É o nosso equivalente à medalha Fields. Então, acredito que, em um país como o Brasil, em que praticamente tudo ainda precisa ser feito na área da educação, em que o desempenho de nossos estudantes em Matemática deixa a desejar, o maior desafio a ser enfrentado é comum a nós, mulheres e homens, que realizam pesquisas em Educação

Matemática: é fazer com que os resultados de nossas pesquisas cheguem até a sala de aula. Que possamos contar com a parceria de todas e todos que "fazem" Matemática. Melhorar o ensino de Matemática, pensar em uma Educação que seja inclusiva, em que todas e todos tenham acesso a esse saber. É esta a luta que ainda continua!



DANIELA CARDOZO MOURÃO

Professora do Departamento de Matemática da Unesp-Guaratinguetá, tem formação em Física e doutorado em Engenharia e Tecnologia Espaciais. É membro do conselho consultivo do Observatório de Educação em Direitos Humanos.

Sobre você

Sou Professora na Unesp, no Departamento de Matemática do Campus de Guaratinguetá/SP, cursei bacharelado em Física na Unesp em Rio Claro/SP, mestrado em Física pela Unesp em Guaratinguetá/SP, doutorado em Engenharia e Tecnologia Espaciais no Inpe e possuo Pós-Doutorado pela Unesp. Trabalhei na Universidade de Brasília como professora visitante junto ao Instituto de Física, onde atuei no observatório astronômico. Sou mulher trans e fiz a transição de gênero aos 40 anos, quando já trabalhava na Unesp. Trabalho com o Grupo de Dinâmica Orbital e Planetologia nas áreas de dinâmica de satélites, anéis planetários, meteoros e astronáutica. Leciono Programação de Computadores para as Engenharias, Física e Matemática na Unesp/Guaratinguetá. Na Unesp, faço parte da Comissão para Implementação do Nome Social, do Grupo de Trabalho de Prevenção à Violência, do Projeto Educando para a Diversidade, e sou membro do conselho consultivo do Observatório de Educação em Direitos Humanos.

Razões para celebrar

As mulheres, mesmo com todas as dificuldades, tiveram grande importância na matemática aplicada, das quais me vem à mente ao longo de toda história Hipácia de Alexandria, Ada Lovelace, Noether e as chamadas "garotas Eniac", e ainda o grupo de programadoras que teve papel crucial na elaboração dos códigos e manobras para o programa Apollo. O que faltou foi o reconhecimento. Raramente vi suas contribuições citadas nas disciplinas que cursei.

Vejo, porém, de forma positiva o resgate dessas contribuições pela mídia e pela academia. Também vejo de forma positiva que os trabalhos das jovens matemáticas terem saído da sombra dos orientadores, que, até o final da segunda parte do século XX, levavam os créditos dos trabalhos. Representou um avanço no Brasil a inserção no Lattes dos períodos de maternidade e a licença-maternidade na pós-graduação. Também considero um avanço o aumento de mulheres em cursos de exatas, cursos que eram vistos até recentemente como sendo de exclusividade de homens.

Para pessoas trans, o principal avanço foi o reconhecimento do nome social nas universidades. Porém ainda ocorrem muitos casos de discriminação e desrespeito à identidade de gênero, inclusive por docentes e institucionalmente.

Razões para lutar

Eu começo com a questão cultural da falta de divisão do trabalho doméstico e do cuidado dos filhos. Isto é um dos fatores que leva ao segundo ponto, que somado ao preconceito, resulta na pouca proporção de mulheres em postos de chefia e direção na academia e de participação nas políticas acadêmicas. As políticas institucionais são discutidas muitas vezes em horas livres

dentro das universidades, e as mulheres em muitos casos não têm esse tempo livre, devido à sobrecarga do trabalho doméstico e cuidado com os filhos

Há o ponto positivo do aumento das mulheres nos cursos de exatas, mas também nos leva a uma segunda luta dentro das universidades contra a discriminação e assédio. Discriminação e assédio devem ser enfrentados com políticas institucionais de prevenção, educação e punição.

As razões para lutarmos são a busca da nossa autonomia, liberdade e dignidade, para que ninguém seja podado em suas potencialidades e vocação. Construir um mundo mais justo, igualitário, sem discriminação e com igual oportunidade para todos.

Tendo em vista que 90% das mulheres trans têm como única e exclusiva opção a prostituição, vivendo na exclusão social e familiar, e menos de 0,1% alcançou a universidade, eu também me vejo na obrigação ética de contribuir para reverter essa situação.



ELIENE DOS SANTOS RODRIGUES PUTIRA SACUENA

Biomédica e doutoranda em Antropologia na UFPA. Participa de grupos de pesquisa que realizam estudos antropológicos, epidemiológicos e genéticos de populações humanas da Amazônia.

Sobre você

Eliene dos Santos Rodrigues é Putira Sacuena. Sou indígena da etnia Baré, mãe de 5 filhos, biomédica, pesquisadora e doutoranda em Antropologia na Concentração Bioantropologia na linha de pesquisa em Genética Forense pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal do Pará. Tenho Mestrado em Antropologia na Concentração Bioantropologia, na linha de pesquisa em Genética Forense pelo mesmo programa. Graduação em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente participo de grupos de pesquisa, realizando estudos antropológicos, epidemiológicos e genéticos de populações humanas nas Amazônias: Indígenas, Afro-brasileiras (Quilombolas) e Ribeirinhos. Assessoro a Associação dos Povos Indígenas Estudantes na UFPA e sou Vice-presidente da Liga Acadêmica de Saúde Indígena no estado do Pará.

De onde eu vim?

Nasci do fundo das águas do Rio Negro, uma água acolhedora, quente, forte e com a minha cosmogenia, a dos e das encantadas. Nasci em Tapuruquara, hoje Município de Santa Isabel do Rio Negro, no estado do Amazonas. Fui criada entre o município, no período regular dos estudos, e o Mufubé. O meu território é o Médio Rio Negro, onde vivemos entre os 23 povos no decorrer de todo o rio Negro. Meu pai é Baré e minha mãe Baniwa, ambos passaram pelo processo do colégio interno dos Salesianos, era a única alternativa de buscar uma educação diferenciada e, como dizia meu pai Eliomar Rodrigues *in memoriam*, "Precisam estudar. Só a educação nos dará a oportunidade de falarmos de igual para igual com o sistema", ao mesmo tempo que Paulinho Payakan Kayapó, também com sua sabedoria, falou "A luta não será mais só de arco e flecha e sim de caneta e papel". Venho de um local em que o movimento indígena é forte e onde as indígenas mulheres fazem parte do protagonismo. Ao sair do território não perdemos nossa identidade, pois nós, indígenas mulheres, somos o próprio território, ele está em nós. Minha mãe terminou o ensino médio com todos os filhos crescidos. Entre cuidar da família e da roça e a academia, tornou-se

professora. Venho de uma família que compartilha saberes e dialoga com as ciências. Minha avó foi a maior cientista doutora que conheci, pois possuía saberes ancestrais e que hoje carrego comigo, mas também dizia que queria ver a neta doutora. Minha avó faleceu dois dias antes da minha defesa de mestrado e foi como se minha inspiração tivesse ido embora. Porém, ao lembrar que a importância de ocupar esses lugares é fundamental para dialogarmos os dois mundos, continuei.

Para onde eu vou?

Preciso relatar algo muito importante. Meu pai foi um dos primeiros professores do território Médio Rio Negro, e a sua formação foi em Matemática. Conhecia os números como ninguém e sabia usá-los. Entrar na Universidade e sentar ao lado de pessoas que não sabiam quem éramos, nós os povos indígenas, foi difícil demais. E assim a luta de permanência na UFPA foi muito desafiadora. A nossa coletividade pela APYEUFGPA vem proporcionando o acesso, permanência e formação de nós indígenas na UFPA. Chegar ao doutorado e ser uma indígena pesquisadora é algo muito importante, e complexo ao mesmo tempo, pois viver nos dois mundos às vezes é conflitante. A saída é nunca esquecermos e não virarmos as costas para as nossas ciências. É lastimável estar numa academia em plena diversidade de povos existentes nas Amazônias e ainda não ter indígenas atuando na docência. Na UFPA, temos somente um indígena docente no *campus* de Altamira, e esse já sofreu atentados de morte em sua defesa dos Povos indígenas. A responsabilidade de discutir Antropologia e Genética é algo importante e ao mesmo tempo surge a insegurança sobre como esses dados podem ser utilizados. Quero participar da academia como formadora também de quem somos e formar profissionais que entendam como viver em humanidade e que as ciências dos dois mundos, indígena e não indígena, podem dialogar. Não me sinto confortável quando me chamam de guerreira, pois não é normal. Seria normal se eu não tivesse que guerrear tanto pelas coisas essenciais para nós povos indígenas, como respeito, dignidade na saúde, educação e, principalmente, a garantia dos nossos territórios.



FLORENCIA LEONARDI

Professora do IME-USP, atua na área de Probabilidade e Estatística, com ênfase em processos estocásticos, bioestatística e aprendizagem estatística. Recebeu o Prêmio Johannes Kepler da SBMAC 2020.

Sobre você

Sou graduada em matemática pela Universidad Nacional de Mar del Plata, na Argentina. Concluí minha graduação no pior momento da crise econômica de 2002, onde havia poucas perspectivas para continuar a carreira acadêmica lá. Eu tinha certeza que queria continuar meus estudos e então decidi vir para o Brasil fazer pós-graduação. Como gostava muito de computação e queria me especializar em uma área mais aplicada, acabei fazendo o doutorado em Bioinformática, que era um programa multidisciplinar recém-criado na USP. Durante o doutorado e pós-doutorado especializei-me em métodos de inferência estatística para processos estocásticos e suas aplicações a problemas em genética, como classificação de proteínas e análise filogenética.

Desde 2008 sou professora no Departamento de Estatística do IME-USP e continuo fazendo pesquisa na interface entre probabilidade, estatística para processos estocásticos e suas aplicações. Meus interesses de pesquisa são bem variados. Considero que sou uma pessoa curiosa, assim como todos os pesquisadores, e tenho trabalhado com assuntos diferentes durante todos estes anos. Mais recentemente tenho me dedicado a trabalhar com modelos probabilísticos para grafos e redes aleatórias, desenvolvendo métodos estatísticos e algoritmos para determinar certas características dessas redes, como o agrupamento dos nós em comunidades. Também me interesso bastante por abordagens novas dentro da Estatística como as de aprendizagem estatística e modelos em alta dimensão, que são muito relevantes na modelagem de dados atuais.

Razões para celebrar

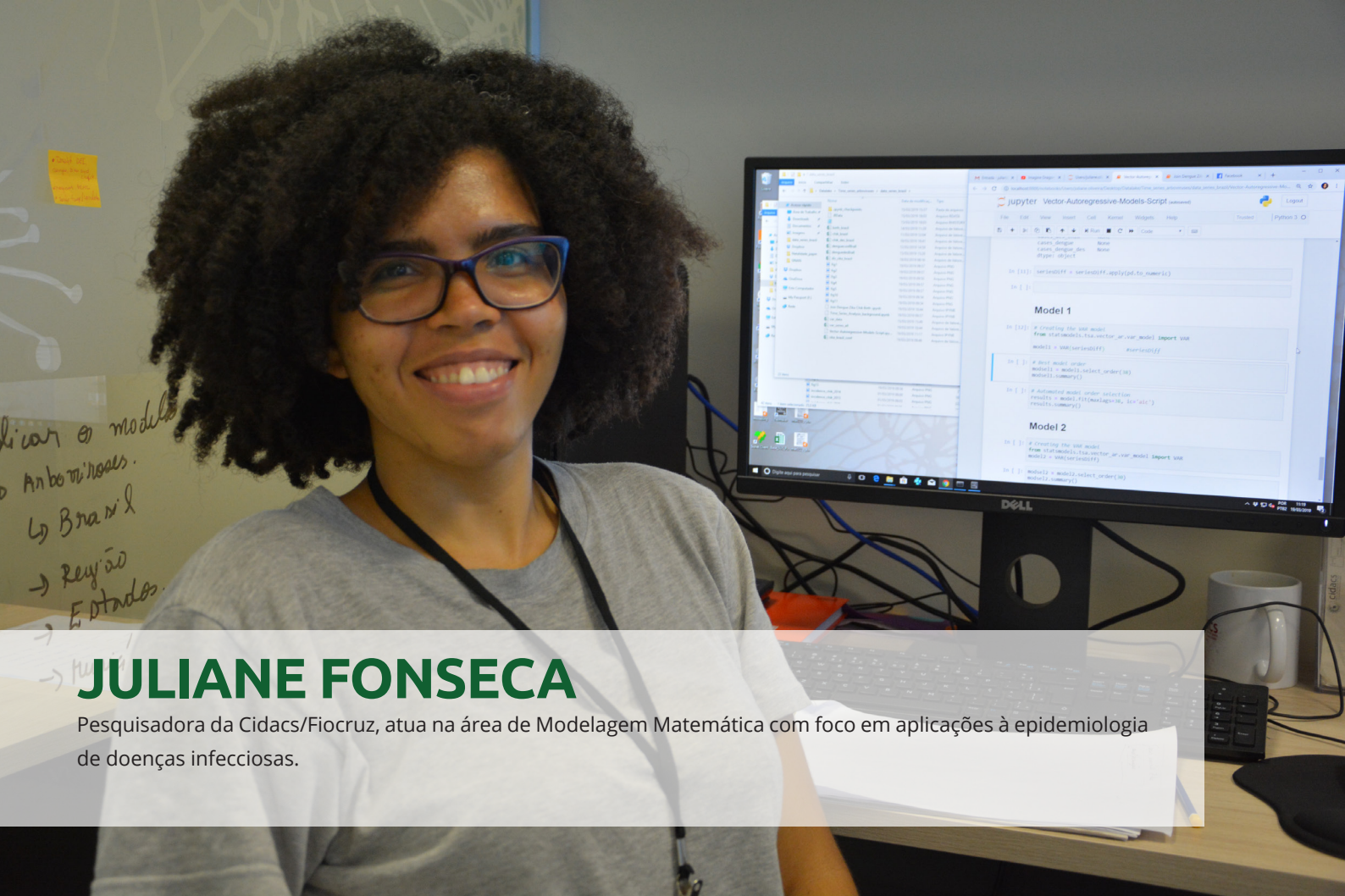
Acho que a principal razão para celebrar as realizações das mulheres na matemática tem a ver com dar visibilidade a esse trabalho de milhares de mulheres, no passado e no presente, que já foi muito, e ainda é, ignorado pela comunidade. Isso também é importante para incentivar outras mulheres, desde pequenas, a seguir essas carreiras onde as mulheres ainda são minoria e para trazer ao debate as muitas dificuldades que ainda enfrentamos.

Acho que nos últimos anos tem havido vários avanços para as mulheres na matemática em particular e na ciência em geral. Sobretudo uma maior visibilidade sobre o lugar que ocupamos e que merecemos não ser ignorado. Hoje em dia há uma maior consciência sobre a representação de gênero em diferentes lugares e sobretudo nas posições de liderança, que já tem, mas poderá ter um maior impacto no futuro. Ainda falta bastante por fazer, mas já estamos vendo algumas mudanças, como a implementação das licenças-maternidade no *currículo* Lattes do CNPq neste mês ou as extensões de prazo de avaliação das cientistas mães.

Essas são algumas coisas que alguns anos atrás simplesmente não se discutiam, e que afetavam muito as carreiras das mulheres cientistas. Hoje em dia tais medidas são praticamente aceitas por todos, ainda que haja bastante coisa por fazer.

Razões para lutar

Acho que os desafios para as mulheres na matemática em primeiro lugar são os desafios de todas as mulheres nos diferentes âmbitos de poder, além da gestão do lar e da criação dos filhos. Ainda existe um preconceito sobre as mulheres ocuparem cargos importantes e de poder, seja no âmbito que for. E isso também é assim para as mulheres cientistas, sobretudo nas áreas de ciências exatas e engenharias. Além disso, há uma luta dentro das casas das mulheres cientistas, que ainda são sobrecarregadas com o trabalho doméstico e sobretudo as mães, que ainda carregam a maior responsabilidade na criação dos filhos. Tudo isso se traduz em uma desigualdade de gênero bastante absurda nas universidades e nas posições mais altas da carreira acadêmica. Então acho que ainda há muitas razões para continuarmos lutando por condições mais equitativas para as mulheres matemáticas e cientistas em geral.



JULIANE FONSECA

Pesquisadora da Cidacs/Fiocruz, atua na área de Modelagem Matemática com foco em aplicações à epidemiologia de doenças infecciosas.

Sobre você

Sou Juliane Fonseca, mãe, negra, pesquisadora (cientista), e um pouco mais. Obtive bacharelado em Matemática pela Universidade Federal da Bahia (2011). Em 2011 iniciei doutorado em Matemática pela Universidade do Porto e Coimbra, o qual concluí com distinção em 2017. No mesmo ano, engajei-me na área de Modelagem Matemática, com foco na aplicação de conceitos matemáticos à epidemiologia de doenças infecciosas (emergentes). O meu foco é entender como a modelagem matemática pode guiar políticas públicas que surtam efeito no controle de doenças levando em consideração as desigualdades no risco de se infectar por uma doença. Um dos meus primeiros trabalhos teve como objetivo considerar as variações no risco individual de infecção por Tuberculose (TB) a fim de reduzir a incidência da doença na população em 90%, entre 2015 e 2035, que é a meta da Organização Mundial da Saúde para tentar erradicar a TB. Desde então, obtive resultados de modelagem matemáticos não somente aplicados à TB, mas também às arboviroses (Dengue, Zika e Chikungunya), hanseníase e, atualmente, Covid-19. Hoje em dia, sou pesquisadora da Fiocruz e uma das coordenadoras de um grupo interdisciplinar de modelagem estatística/matemática, com foco no impacto da disseminação da Covid-19 em populações desiguais. Desde o início da pandemia no país, produzimos estudos que tentam compreender a combinação das medidas implementadas pelo governo brasileiro juntamente com o comportamento de mobilidade humana, e como isso afeta o sistema de saúde. Desenvolvemos uma plataforma de modelos matemáticos que pode ser usada para estudar o início e a evolução de epidemias em uma população. A plataforma é o início de uma nova era de se fazer vigilância epidemiológica em tempo real, onde pesquisadores interdisciplinares unem-se com gestores e a população para, juntos, ter medidas de impacto na saúde da sociedade.

Razões para celebrar

Um dia dedicado ao papel da mulher na matemática é para mim um ato de resistência e persistência. Um momento de representatividade e disseminação de talentos que estão esperando somente uma oportunidade para ter um espaço de fala. É uma ocasião para debater as maiores dificuldades encontradas pelas mulheres desde o momento de sua educação infantil-juvenil, que influenciará na sua escolha em ser matemática, assim como no percurso acadêmico e de pós-graduação. E, mais importante, mostrar que produzimos pesquisa de qualidade e de grande impacto tanto na comunidade científica como na sociedade.

Na minha perspectiva, os grupos de mulheres cientistas que visam reduzir essa desigualdade de gênero (e raça) na ciência e matemática, no Brasil e no mundo, como o Potência N, Parent in Science, Gender Gap in Science, Grupo de Mulheres Negras Matemáticas no Brasil, e, dentre várias outras iniciativas, têm tido um papel importantíssimo, em especial no decorrer desta pandemia. Os grupos tornam visíveis as pesquisas lideradas por mulheres na matemática e a importância de se investir em uma ciência mais igualitária a fim de fomentar a pesquisa e inovação, demonstrando que toda a sociedade perde quando a diversidade é negligenciada. Além disso, tendo em mente a competitividade no mundo acadêmico, essas iniciativas produzem evidências que influenciam as instituições de fomento na tomada de decisão para manter e prolongar recursos e reconsiderar os efeitos da pandemia na produção acadêmica feminina. Para concluir, eu gostaria de destacar dois eventos: o primeiro, relacionado à conquista da pesquisadora Carolina Araújo que, em 2020 (ano de pandemia), foi a primeira mulher brasileira a receber o prêmio Ramanujan. O segundo, é sobre a pesquisadora Luciana Luna Lomonaco que, no ano de 2020, tornou-se a segunda pesquisadora mulher do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa).

Razões para lutar

Um dos maiores desafios que encontro, e com o qual muitas mulheres se deparam no decorrer de suas carreiras, é a dificuldade de conseguir recursos para ter a oportunidade de liderar grupos de pesquisas. A falta de reconhecimento é uma pedra no caminho, onde muitas vezes (e aí falo por experiência própria) o mérito e validade de trabalhos produzidos por mulheres têm que ser aprovados/referenciados por homens, que em sua parte sequer são especialistas (e, muitas vezes, não têm o mínimo de conhecimento) na nossa área de pesquisa. Esse fenômeno pode ser algo ainda mais explícito em um ambiente interdisciplinar, quando especialistas de diferentes áreas do conhecimento precisam se unir para conseguir produzir um resultado inovador.

Eu, como matemática, trabalhando no universo de epidemiologistas, biólogos etc., sou minoria, frequentemente a única a tentar representar a importância da matemática na resolução de problemas de saúde e desmistificar o tabu de que a Matemática é difícil. Sendo mulher (e negra) isso se agrava, pois além da dificuldade da compreensão entre as áreas científicas, nós temos que lutar, inicialmente, pelo direito de nos expressarmos, e pelos nossos ideais.



LUNA LOMONACO

Pesquisadora do Impa, atua na área de Sistemas Dinâmicos. Recebeu os prêmios SBM 2019 e Umalca 2020.

Sobre você

Meu nome é Luna, sou uma matemática italiana e trabalho no Brasil há 7 anos. Amo viajar e já morei em muitos países: deixei a Itália durante meu terceiro ano de bacharelado para ir a Barcelona, onde fiz meu mestrado, antes de me mudar para a Dinamarca para meu doutorado, com um semestre em Toulouse. Defendi minha tese de doutorado em 2012, que foi um ano terrível para encontrar um pós-doutorado na Europa (pois depois da crise de 2008 o dinheiro para pesquisa básica foi cortado drasticamente), e assim acabei na China, mais exatamente em Pequim, como professora visitante na Academia Chinesa de Ciências por um semestre. Depois disso, voltei para a Dinamarca, depois fui para os EUA por alguns meses, depois para a Dinamarca novamente e, finalmente, no dia 24 de abril de 2014, desembarquei em Guarulhos! Depois de um mês no Brasil, soube que havia encontrado minha casa! Fiz pós-doutorado na Universidade de São Paulo com bolsa da Fapesp entre 2014 e 2016, e em 2015 passei no concurso para professora. Fui contratada pela USP em 2016, e em 2020 mudei para o Impa. Trabalho em sistemas dinâmicos, mais precisamente em dinâmicas complexas, com foco no conjunto de Mandelbrot e suas cópias. Sou casada com um holandês maravilhoso que conheci na Dinamarca durante o doutorado, que também adora viajar e me acompanhou na maioria das minhas viagens, inclusive ao Brasil.

Razões para celebrar

Aos poucos, estamos começando a ser reconhecidas: nos últimos anos vimos mulheres ganhando os prêmios matemáticos mais importantes, como Maryam Mirzakhani conquistou a medalha Fields em 2014, e Karen Uhlenbeck ganhou o prêmio Abel em 2019; e tem mais mulheres ganhando prêmios em geral (só para citar alguns em 2020: Corinna Ulcigrai ganhou o prêmio Brin, Carolina Araújo o prêmio Ramanujan, e eu ganhei o prêmio Umalca).

Razões para lutar

Acho que existe um machismo estrutural na matemática, que a maioria das mulheres conhece e que a maioria dos homens nem consegue ver. Como resultado disso, sempre achei muito difícil me sentir autoconfiante, confortável e segura, e vejo muitas colegas mulheres sentindo o mesmo. E isso, às vezes, torna exaustivo ser uma mulher em matemática. Quer dizer: fizemos muito, então temos motivos para comemorar, mas continua sendo muito difícil, por isso precisamos mesmo continuar lutando.



MARÍA AMELIA SALAZAR

Professora da UFF, atua na área de Geometria. Recebeu o prêmio *Para Mulheres na Ciência* da L'Oréal-Unesco-ABC em 2020.

Maria Amelia Salazar
Foto: Vikki Marie Page

Sobre você

Sou María Amelia, matemática e colombiana. Fui graduada na Universidad Nacional de Colombia e fiz mestrado na Universidad de los Andes, também na Colômbia. Na Universidade de Utrecht, na Holanda, fiz um segundo mestrado e doutorado. Depois fui pesquisadora visitante no Centro de Pesquisa Matemática (CRM), na Espanha, e estágios de pós-doutorado no Instituto Max Planck de Matemática, na Alemanha, e no Impa, no Rio de Janeiro. Desde 2017 sou professora na UFF, no Departamento de Matemática Aplicada.

Eu estudo a geometria dos grupoides e dos algebroides de Lie. É uma teoria bonita que conecta a teoria de Lie e outras áreas de geometria, e servem como uma linguagem unificadora para abordar problemas que, em princípio, são de natureza diferente. Eu gosto de pensar em perguntas naturais e fundamentais, e que não requerem muita linguagem matemática para entender do que se trata.

Razões para celebrar

Eu celebro que aos poucos as pessoas estão tomando consciência e estamos evidenciando que existe um problema sistêmico de machismo no mundo acadêmico. Graças a essa consciência, já se estão criando medidas que levam em consideração períodos de maternidade, por exemplo. Celebro também que nós mulheres matemáticas estamos nos aproximando e começando a formar uma comunidade onde "ninguém solta a mão de ninguém".

Por último, eu celebro que nos últimos anos várias mulheres matemáticas foram contempladas com prêmios e reconhecimentos por seus logros acadêmicos. Entre elas temos a Carolina Araújo, que foi contemplada com o prêmio Ramanujan 2020, Luna Lomonaco, com o prêmio da SBM 2019 e o prêmio Umalca 2020, e Adriana Neumann que entrou em 2020 como afiliada na ABC.

Razões para lutar

Eu sinto que ainda precisamos lutar para sermos escutadas e tratadas com seriedade e respeito. Vejo que ainda alguns colegas, alunos, etc nos silenciam e não nos dão o espaço para falar. Lutar para que nosso mérito acadêmico seja julgado com os mesmos critérios que é julgado o mérito dos homens, e que não sejamos avaliadas mais duramente ou se diminuam nossos logros com escusas do tipo "ela obteve x por ser mulher". Precisamos lutar para ter maior representatividade de mulheres desde o começo da carreira em matemática e em posições estratégicas onde decisões são feitas.



MARIA APARECIDA DE SOUZA MENDES

Professora de matemática na EMEF Coronel João Pinheiro, Jacundá, Pará. Premiada na 10ª edição da Obmep, atua em projetos especiais para Ensino Fundamental como o Poti (Polo Olímpico de Treinamento Intensivo) voluntário na EMEF Deputado Raimundo Ribeiro de Souza.

Sobre você

Sou licenciada em matemática pela UnAma – Universidade da Amazônia, por meio do Programa Especial de Interiorização de Licenciatura para a formação de professores leigos. O curso era intervalar, no período de férias para professores em exercício. Logo após, fiz especialização em Educação Matemática pela UFPA. Trabalhei na Secretaria de Educação como coordenadora e formadora. Nestas formações juntamente com os professores de matemática do município de Jacundá - PA, iniciamos o projeto "A matemática transformando vidas" que gerou até agora, mais de 70 premiações na Obmep, entre menções honrosas, medalhas de bronze, prata e ouro. Em 2015 fui um dos dez professores a receber um troféu alusivo à premiação nacional da Obmep.

O Projeto, hoje, se tornou um programa Poti - Polo Olímpico de Treinamento Intensivo Voluntário. Atuo do 6º ao 9º ano, na EMEF Coronel João Pinheiro, e coordeno e sou professora do Poti, na EMEF Raimundo Ribeiro de Souza, com a profª Maria de Lourdes de Jesus Macena. Dos frutos do projeto, destacamos dois irmãos que se encontram na França, um cursando Engenharia Mecânica e o outro Engenharia Elétrica. Fui orientadora de projetos da I e II Mocisspa - Mostra Científica do Sul e Sudeste do Pará. Em 2018 orientei o projeto "Leitura e matemática andam de mãos dadas", com a professora de língua portuguesa Eliane Farias de Souza, na construção de um livro, ilustrado com desenhos e dobraduras, feito pelos alunos do 9º ano e que conta a história inspiradora dos irmãos citados acima.

Razões para celebrar

Com todas as dificuldades encontradas, não termos uma carga horária e verbas direcionadas para o professor pesquisador da educação básica, que, para não ver o trabalho fenecer, precisa correr atrás de patrocínios e muitas vezes custeia do próprio salário. Ainda assim, temos muitas razões para celebrar, pois precisamos quebrar paradigmas.

O lugar da mulher é onde ela quiser. No *site* da Obmep vê-se grandes conquistas de meninas nas olimpíadas de matemática, o que é preciso ser divulgado na Educação Básica. O nosso sucesso depende da aptidão e não do gênero. No início do ano participei de dois eventos *on-line* organizados por mulheres: Meninas nas exatas: por Elas para Todos, e Geogebra por Elas. Foram eventos que mostraram contribuições importantes das mulheres nas pesquisas.

Razões para lutar

Enfrentamos vários problemas, tais como falta de infraestrutura, equipamentos tecnológicos e a não permanência das meninas até o final da Educação Básica. Infelizmente o imediatismo de algumas famílias brasileiras, que muitas vezes não vê a educação como investimento a longo prazo. Entre escolher um trabalho com salário de R\$ 250,00 e a continuidade no programa do Poti, por exemplo, escolhem o trabalho, mesmo essas meninas tendo várias premiações na Obmep e nas mostras científicas. Principalmente quando chegam no Ensino Médio, mudam o "foco". Elas falam: "Não tenho mais tempo, estou trabalhando". Percebe-se que, à medida que elas crescem, suas necessidades e responsabilidades crescem proporcionalmente. Tem sido desafiador!

Os alunos que conquistam medalha recebem uma bolsa de incentivo do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, e seria muito importante se os municípios seguissem o exemplo e dessem uma bolsa para os alunos premiados. No município de Jacundá - PA, conseguimos garantir essa ação no PME - Plano Municipal de Educação. Mas, é preciso sair do papel e garantir de fato e de direito essas bolsas. Outra problemática é o mestrado na nossa área, que tem problemas como a desvalorização e carência de vagas.



NANCY LOPES GARCIA

Professora da Unicamp, vice-presidente da SBM, atua na área de Probabilidade e Estatística. Recebeu o Prêmio Johannes Kepler da SBMAC 2020.

Sobre você

Sou Nancy Lopes Garcia, nascida em São Paulo, mas criada no interior. Tenho dois filhos, Anna e Alexandre, já adultos e duas filhas caninas. Sou bacharel em Estatística pela Unicamp (1985), Mestre em Matemática pelo Impa (1988) e PhD em Estatística pela University of Wisconsin – Madison (1993). Sou docente do Departamento de Estatística da Unicamp desde 1987, contratada como Técnica em Didáticas e Professora Titular desde 2002. Exerci diversas funções administrativas como coordenadora de pós-graduação e chefe de departamento e, atualmente, sou Pró-reitora de Pós-graduação desde 2018. Já fui coordenadora da área de Matemática/Probabilidade e Estatística da Capes, tesoureira e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Matemática. Minha área de pesquisa mescla Probabilidade e Estatística, teoria e aplicações. Fiz meu doutorado sob a orientação do Prof. Thomas G. Kurtz em Processos Pontuais Espaciais e tenho trabalhado nessa área desde então. Faço, porém, também pesquisa na área de simulação perfeita para processos pontuais e cadeias de memória infinita, estimação para processos estocásticos, estimação para dados funcionais.

Razões para celebrar

Uma das razões para celebrar são as muitas conquistas dos últimos anos. Por exemplo, fui a primeira mulher a ser Professora Titular no Imecc por concurso, hoje já somos muitas. Conquistas como a declaração da licença-maternidade no Lattes, licença-maternidade para bolsistas de pós-graduação, e apoio financeiro a alunas de pós-graduação oferecido pelo "Parent in Science" são iniciativas inovadoras que me deixam cheia de esperança, mas ainda há um longo caminho pela frente. Especificamente na área de Matemática, cito a criação do Grupo Elza na Unicamp, a Comissão de Gênero Mista SBM/SBMAC, o desenvolvimento do grupo R-Ladies no Brasil, os Encontros Brasileiro e Mundial de Mulheres Matemáticas, que deram origem a muitos outros eventos que agora fazem parte do nosso circuito de eventos científicos.

Razões para lutar

As razões para lutarmos é que ainda não conseguimos conquistar igualdade. Vemos que a proporção de mulheres cai conforme galgam-se os passos mais altos na carreira na área de Matemática. Ainda é gritante a queda da produção científica e a lenta retomada após o nascimento dos filhos. Considerar essa queda como "natural" e contabilizá-la em termos de prazos maiores e olhar diferenciado a esse período é uma vitória, mas a queda pode ser minimizada. A mulher, com raras exceções, ainda carrega uma carga de trabalho mais pesada, tendo que balancear sua vida particular com a carreira acadêmica. Algumas ações podem ser implantadas: creches mais próximas ao local de trabalho, disponibilização de "recreação supervisionada" ou ajuda de custo extra para participação em congressos, conscientização dos companheiros para a necessidade de 'divisão de tarefas domésticas' e não 'ajuda nas tarefas domésticas' e muitas outras.



PRISCILA PEREIRA

Graduada em Licenciatura em Matemática pela Unesp-Guaratinguetá e doutoranda em Educação Matemática na Universidade de Illinois em Chicago (EUA). Sua pesquisa tem como foco principal analisar as configurações sociopolíticas da educação matemática dentro da intersecção de raça e gênero, a partir das experiências de meninas e mulheres negras no Brasil.

Sobre você

Sou mulher negra. Filha. Neta. Irmã. Tia. Pesquisadora Feminista Negra. Doutoranda em Curriculum & Instruction: Math & Science Education com concentração em Gender & Women's Studies e Black Studies na University of Illinois at Chicago (EUA). Minha pesquisa ocupa-se em investigar as configurações sociopolíticas da educação matemática. Mais especificamente, busco entender como a antinegitude, o patriarcado, e o elitismo atuantes na sociedade brasileira em geral configuram os espaços matemáticos – tanto os espaços educacionais quanto profissionais. Minha tese de doutorado tem como principal foco de investigação as experiências de mulheres negras estudantes da pós-graduação em matemática no Brasil. Neste trabalho, eu discuto tanto os fatores sociais, institucionais e interpessoais que influenciam a trajetória de mulheres negras assim como as formas de resistência que essas mulheres têm desenvolvido para permanecer (e florescer) na matemática.

Razões para celebrar

Celebrar. Celebrar. Celebrar. Me perguntaram, "Quais as principais razões para celebrar este dia?". Sem dúvida uma pergunta difícil de responder. Difícil porque a matemática é constituída de fatores de nível micro, meso e macro. E, apesar de termos razões para celebrar a nível local e micro, há ainda muito para ser transformado nos níveis meso e macro. Me atento então ao micro.

Dado às diversas formas de violência de gênero, racial, classe, e tantas outras que as mulheres sofrem gratuitamente em espaços matemáticos hoje, entrar e permanecer na área são motivos de celebração. Então eu celebro cada uma das: 42.475 mulheres que estavam matriculadas na graduação, 1.400 mulheres que estavam matriculadas na pós-graduação, 5.268 mulheres que se formaram bacharéis ou licenciadas, 363 mulheres que se formaram mestres ou doutoras, e 736 professoras docentes na pós-graduação em matemática no ano de 2018 (análise minha a partir de dados do Inep e Capes).

Também celebro a determinação de um número cada vez maior de matemáticas que se recusam a aceitar qualquer forma de violência que sofremos nos espaços matemáticos tais como a invisibilização do nosso trabalho, o desrespeito de colegas

e alunos, o assédio, e a injustiça em processos de fomento. Eventos com o Primeiro Encontro Brasileiro de Mulheres Matemáticas (2019), Meninas nas Exatas: por Elas pra Todos (2021) e tantos outros são exemplos da dedicação e compromisso de mulheres matemáticas (e nas exatas) em desafiar dinâmicas de poder e estruturas que as exclui de espaços matemáticos convencionais e também apoiar colegas e irmãs.

É com muito carinho que eu também celebro a formação e atuação do Grupo de Matemática Negras. Matemáticas negras estão corajosamente reivindicando nosso direito de ser e pertencer em espaços matemáticos. Indo contra o falso discurso do mito da democracia racial e meritocracia no Brasil, essas mulheres estão contando suas histórias e nomeando a antinegritude, o patriarcado e o elitismo dentro de salas de aulas, reuniões de departamento, congressos, decisões administrativas e acadêmicas. Digo corajosamente porque ainda vivemos em um contexto social em que a grande maioria das pessoas recusa-se a aceitar os fatos das nossas experiências, tentando nos negar, acima de tudo, as nossas próprias histórias. Matemáticas negras estão se movimentando hoje, para que nossas crianças tenham a oportunidade de florescer em espaços matemáticos amanhã. Celebrar e apoiar os esforços das matemáticas negras hoje nos ajudarão a ter ainda mais motivos para celebrar.

Por fim, eu celebro as milhares de avós, mães, tias, irmãs e primas que ensinam conceitos matemáticos antes mesmo de entrarmos na escola formal, as professoras e as colegas de estudo que nos guiam e acompanham em todos os níveis de ensino, as pesquisadoras na vanguarda da produção de conhecimentos, e as mulheres envolvidas com políticas que impactam a matemática.

A matemática não seria a mesma sem o trabalho e dedicação árdua das mulheres, e almejo com o dia que motivos para celebrar estejam para além do micro.

Razões para lutar

Os desafios que as mulheres encontram na matemática são inúmeros. Mas devido a um grande interesse que tenho percebido com questões de representatividade na matemática, gostaria de destacar a questão da posicionalidade dos grupos socialmente marginalizados e o perigo de uma perspectiva rasa de representatividade desses grupos nos espaços matemáticos. Escrevo tendo como referência as experiências de matemáticas negras. Nos últimos dois anos tem crescido a tendência de incluir mulheres negras em programações públicas focadas em matemática/exatas e diversidade. Hoje, é mais comum – e de certo modo até esperado – vermos pelo menos uma mulher negra incluída na programação. Inclusive, em sua maioria, é realmente

apenas uma mulher negra que faz parte de eventos onde se apresentam várias mulheres brancas. Essa única mulher negra é posicionada então como representante de um coletivo o que, muitas vezes, a impede de ser sujeito individual. Nesses espaços, essa única matemática negra passa a não falar por si, mas por todas as matemáticas negras do Brasil – e ousaria dizer da diáspora (veja por exemplo como muitos discursos sobre a inclusão da mulher negra na matemática amparam-se nas experiências de três matemáticas negras estadunidenses contadas no trabalho literário e cinematográfico Estrelas além do Tempo). A inclusão de matemáticas negras em discussões de diversidade é, sim, importante. Precisamos ouvir suas histórias, perspectivas, reflexões, e sugestões de mudança. No entanto, quando essa inclusão não é pensada genuinamente, quando não se respeita a diversidade que existe dentro mesmo do grupo de matemáticas negras, quando convidam matemáticas negras somente para *check* o item da diversidade, praticamos – conscientemente ou não – um ato de violência: a violência da objetificação, do descaso, da marginalização.

Também precisamos nos atentar para o fato de que a participação de matemáticas negras (e de membros de outros grupos socialmente marginalizados) parece ser bem-vinda somente quando o assunto é diversidade. Raríssimas vezes matemáticas negras são reconhecidas pelos seus trabalhos científicos e profissionais. Ainda mais raro é vê-las em posição de liderança nas diversas organizações matemáticas do país. Tendo como exemplos as diretorias das três principais sociedades matemáticas brasileiras (SBM, SBMAC, e SBEM), e a lista de convidados para eventos dessas organizações – pessoas que foram chamadas para falar de suas pesquisas e posicionadas como *experts*, autoridades na produção de conhecimentos matemáticos – podemos até ter a impressão de que não existem matemáticas negras! Um verdadeiro apagamento do trabalho, conhecimento e produção de dezenas de matemáticas negras das mais diversas áreas atuando em todo o país. A inclusão rasa e o apagamento de matemáticas negras nos espaços de poder me fazem questionar as verdadeiras intenções daqueles que se dizem comprometidos com a diversidade na matemática. Teriam esses uma perspectiva crítica de representatividade que vai além de uma matemática negra falando de diversidade? Estariam esses genuinamente interessados em questionar hierarquias de poder e estruturas que historicamente têm limitado a matemática para homens brancos? Estariam eles dispostos a reimaginar a matemática de maneira que honre a humanidade, a história, e a genialidade das mulheres negras? Ao que tudo indica, a resposta para todas essas perguntas ainda parece ser não. Precisamos trabalhar em prol do sim. Mãos à obra que ainda temos muito trabalho pela frente.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MATEMÁTICA

Presidente:

Paolo Piccione (USP/SP)

Vice-Presidente:

Nancy Garcia (UNICAMP)

Diretores:

Cydara Cavedon Ripoll (UFRGS)

Jorge Herbert Soares de Lira (UFC)

Marcio Gomes Soares (UFMG)

Walcy Santos (UFRJ)

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MATEMÁTICA APLICADA E COMPUTACIONAL

Presidente:

Pablo M. Rodríguez (UFPE)

1º Vice-Presidente:

Kelly Cristina Poldi (UNICAMP)

2º Vice-Presidente:

Rubens de Figueiredo Camargo (UNESP/Bauru)

Secretário Geral:

Carlos Hoppen(UFRGS)

1º Secretário:

Mateus Bernardes (UTFPR)

2º Secretário:

João Carlos de Oliveira Souza (UFPI)

Tesoureira:

Marina Andretta (USP/São Carlos)

Comitê de Gênero SBM e SBMAC

Adriana Neumann (UFRGS)

Ana Shirley Ferreira da Silva (UFC)

Christina Brech (USP)

Cintya Wink de Oliveira Benedito (Unesp)

Jaqueline Godoy Mesquita (UnB)

Maitê Kulesza (UFRPE)

Manuela da Silva e Souza (UFBA)

Simone Leal (Unifap)

Sueli Costa (Unicamp)

EXPEDIENTE

Noticiário SBM é um informativo eletrônico da Sociedade Brasileira de Matemática, atualizado mensalmente e enviado via Internet para todos os associados e colaboradores



Sociedade Brasileira de Matemática

Presidente: Paolo Piccione

Vice-Presidente: Nancy Garcia

Diretores:

Cydara Cavedon Ripoll

Jorge Herbert Soares de Lira

Marcio Gomes Soares

Walcy Santos

Editor Executivo: Hilário Alencar

Assessor Editorial: Tiago Rocha



Equipe Técnica

Tiago Costa Rocha

Katia Coutinho

Editores

Editor-chefe: Daniel Gonçalves (UFSC)

Fernando Manfio (USP)

Jaqueline Godoy Mesquita (UnB)

José N. V. Gomes (UFSCar)

Macon Marques Alves (UFSC)

Maria Inez Cardoso Gonçalves (UFSC)

Paulo Alexandre Souza (UFPI)

Ricardo Leite (USP)

Paolo Piccione (USP/SBM)

Direção de Arte/Editoração

Pablo Diego Regino

Agradecimentos

O editor-chefe agradece o envolvimento do corpo editorial na elaboração deste número, as contribuições da comunidade matemática e o excelente trabalho realizado pela equipe técnica, Tiago Costa Rocha e Katia Coutinho, na elaboração desta edição.



professor Daniel Gonçalves

Contribuições são recebidas até o dia 20 do mês corrente, para publicação no informe do dia 30. Envie sua notícia para: noticiario@sbm.org.br

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MATEMÁTICA

Estrada Dona Castorina 110, Sala 109
Jardim Botânico
Rio de Janeiro, RJ, CEP 22460-320
Tel. (21) 2529-5065

Homepage: www.sbm.org.br
Loja Virtual: loja.sbm.org.br
E-mail: lojavirtual@sbm.org.br



sbm.org.br

flickr
[@sbmatematica](https://www.flickr.com/photos/sbmatematica/)